

The background features a stylized illustration of a mangrove tree with a thick trunk and several large, rounded roots extending downwards. The tree is rendered in shades of green. Several birds are depicted in flight, some in dark green and others in a lighter, semi-transparent green, scattered across the white central area. The overall composition is set against a light green background.

# Olhar passarinho sobre a comunidade, os manguezais e suas ecologias

Fledson Silva Faria  
Soler Gonzalez

O audiovisual pode ser acessado no Youtube e no Instagram através dos links abaixo:



<https://youtu.be/dhUG1ncKHIY>



<https://www.instagram.com/olharpassarinho/?hl=pt-br>

*Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um "não-eu" se reconhece como "si própria". Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe (FREIRE, 1996, p.18).*

# SUMÁRIO

4

PALAVRAS INICIAIS

---

6

OLHAR PASSARINHO SOBRE A  
COMUNIDADE, OS MANGUEZAIS  
E SUAS ECOLOGIAS

---

8

PERCURSOS

---

12

CAPTAÇÃO DE MATERIAIS  
E BASTIDORES

---

18

FICHA TÉCNICA

---

20

IMAGENS DE BASTIDORES DA  
PRODUÇÃO DO AUDIOVISUAL

---

24

CONSIDERAÇÕES

---

25

REFERÊNCIAS

---



## PALAVRAS INICIAIS

Olharpassarinho sobre a comunidade, os manguezais e suas ecologias nasceu a partir da pesquisa-dissertação de mestrado profissional em educação, intitulada Educações ambientais com os usos de drones e artefatos tecnoculturais na Reserva de Desenvolvimento Sustentável dos Manguezais de Cariacica e nos cotidianos escolares, com objetivo de compartilhar as impressões, desejos e anseios da comunidade em relação ao manguezal e às relações ecosóficis que se desenrolam cotidianamente nas escolas e comunidades do entorno da Reserva de Desenvolvimento Sustentável dos Manguezais de Cariacica.

No decorrer da pesquisa, seguindo seus percursos e meandros, surgiu a possibilidade, e ousamos dizer a necessidade, de elaborar um material de cunho pedagógico e formativo, confeccionado a partir das imagens narrativas “pescadas” na/com as comunidades da região de Flexal, Cariacica/ES.

Editamos este audiovisual, cujo link está disponibilizado neste material, com base nas imagens, nas aulas de campo, nas oficinas e demais atividades pedagógicas realizadas em parceria com/nos cotidianos escolares e coletivos comunitários da região, sobretudo, voltadas aos usos de artefatos tecnoculturais em processo educativos. Buscando criar outras formas de (des)ver o território e criando outras narrativas a partir das possibilidades e potencialidades geográficas, históricas e ecológicas locais, para dessa forma fazer um contraponto às metanarrativas pejorativas sobre comunidades, como a nossa.

A seguir os/as prezados/as leitores/as poderão acompanhar uma síntese dos caminhos, fluxos, derivas e processos pelos quais passamos na criação deste olharpassarinho, a fim de exemplificar e ilustrar uma alternativa, sem, no entanto, propor receitas prontas a serem seguidas.

Ao ler as linhas a seguir e/ou assistir o audiovisual olharpassarinho sobre a comunidade, os manguezais e suas ecologias, sintam-se carinhosamente abraçados por toda a comunidade, sobretudo os/as participantes da pesquisa (coautores/as) e por nós autores.

Fledson Silva Faria e Prof. Dr. Soler Gonzalez

**Figura 1:** Criação da arte de abertura: ecologias



**Figura 2:** Criação da arte temática de abertura





## OLHARPASSARINHO SOBRE A COMUNIDADE, OS MANGUEZAIS E SUAS ECOLOGIAS

A presente pesquisa dispôs-se a produzir com a comunidade, os/as sujeitos/as desta pesquisa, que pensando com Paulo Freire, são também os/as “sujeitos de sua própria história” (FREIRE, 1996), portanto os/as verdadeiros/as protagonistas. Desta produção conjunta, nasceu a proposta pedagógica de produzir um produto audiovisual, que se configurará no produto educacional, requerido pelos programas de mestrado profissional. O Produto educacional não se coloca como um trabalho finalizado, menos ainda como um modelo a ser seguido, mas como redes dialógicas que se abrem a problematizações, a partir dos processos e fluxos que permeiam as comunidades e que poderá provocar reflexões sobre como está sendo nossa presença nesse mundo.

Assim, a partir das realidades vivenciadas nas comunidades da Grande Flexal, município de Cariacica/ES e das relações ecologistas destas com a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) dos Manguezais de Cariacica, entremeadas pelas vivências e relações subjetivas do/no/com os cotidianos escolares direta ou indiretamente envolvidos na pesquisa, com ênfase nas visões de ecologia e meio ambiente dos pescadores/as, marisqueiros/as, catadores/as de materiais recicláveis, dos coletivos e organizações não governamentais atuantes na comunidade e com base nos materiais produzidos durante a pesquisa, buscamos sistematizar uma forma de apresentar algumas *imagensnarrativas* da comunidade.

Com isso, após muito diálogo surgiu a ideia de produzir um audiovisual, na linha de um documentário, mas sem fazer uso de processos descritivos, enfatizando as narrativas dos/as sujeitos/as da pesquisa, com destaque às imagens, sons, vídeos e narrativas produzidas em contextos escolares, no ano de 2019, já no âmbito desta pesquisa.

Recursos imagéticos produzidos com os usos pedagógicos dos artefatos tecnoculturais, com os quais trabalhamos durante a pesquisa, sobretudo com o *Olharpassarinho*[1] sobre as ecologias do território que buscamos das imagens captadas pelo drone. Salientamos que a indicação e potentes contribuições da banca de qualificação, corroboraram para que o produto educacional tivesse essa configuração.

---

[1]A ideia do olharpassarinho surgiu dos diálogos afetuosos e com a criativa colaboração do professor Dr. Celso Sanchez (UNIRIO), durante a apresentação do trabalho Educação ambiental com os usos de drones e artefatos tecnoculturais nos manguezais e cotidianos escolares (FARIA, 2020), durante a 14ª Reunião da ANPED Sudeste, para pensarmos em outros usos possíveis do drone em contextos pedagógicos, e, com as possibilidades das imagens produzidas pelo drone permitir também aos educandos/as um outro olhar sobre a realidade, um olhar elevado, puro, uma visão despretensiosa, livre e individualizada, sem interferências externas e com isso capaz de captar o que há de melhor no território, diferente dos usos oficiais e institucionais deste equipamento, historicamente vinculado à vigilância, controle e repressão. Olharpassarinho remete a um olhar afetoso, amoroso e amigável, mas ao mesmo tempo cuidadoso, vigilante e esperançoso.

No processo de produção do roteiro de edição do audiovisual, houve a necessidade de gravar algumas narrativas que antes tinham sido expostas, mas não estavam registradas em vídeo. Dessa forma, foram produzidos roteiros para as entrevistas conversadas a partir dos desdobramentos das aulas de campo e demais atividades pedagógicas, para que guiassem as gravações das narrativas, que compuseram o audiovisual. Sem, no entanto, nos afastar da política de narratividade por nós adotada, e na perspectiva do fazer *com* e não *sobre* ou *para* é que elaboramos o produto aqui apresentado, com a comunidade participando na sua execução, pois devido à pandemia ficamos impossibilitados/as de realizar a produção nos cotidianos escolares conforme planejado.

Propusemo-nos a trabalhar os artefatos tecnoculturais (SOARES; SANTOS, 2012), enfatizando as potencialidades das imagens, sons e vídeos produzidos com e na comunidade, e nos manguezais, destacando os *usos* pedagógicos do drone, não como instrumento de vigilância e controle, historicamente dominado pelas forças de Estado, mas como uma possibilidade de trazer outros olhares sobre a comunidade e as relações desta com os manguezais. Um olhar contemplativo, buscando possibilidades de ação, de intervenção.



## PERCURSOS

A partir desta pesquisa, dos materiais, vivências e diálogos costurados com a comunidade, nasceu a necessidade de propor um produto educacional que problematizasse as ecologias, educações ambientais, vivências e cenários emblemáticos que caracterizam as relações dos cotidianos escolares com a RDS dos Manguezais de Cariacica e as comunidades que nele/dele vivem.

Desejamos que o produto educacional tivesse a finalidade de denúncia do descaso socioambiental, porém com ênfase numa política de narratividade que privilegiasse a visibilização das potencialidades e possibilidades da comunidade e deste rico e belo ecossistema. E que tivesse uma finalidade pedagógica e formativa, mas, dentro da visão de minoridades aqui debatidas, não se apresentando como algo pronto, mas como exemplo de possibilidades para se pensar as educações ambientais, ecologias e geografias cotidianas, e as relações ecologistas na educação.

Processos com os quais desejamos exercitar outros modos de ver o local, com outras perspectivas, destacando as ecologias, histórias, memórias, sentimentos e os saberes dos/as sujeitos/as da história e da pesquisa sobre “as práticas do bairro, como o narrar, o morar, o pescar [...]” (GONZALEZ, 2013, p. 13), práticas que potencializam o surgimento de possibilidades de outras leituras de mundo e outras políticas de narratividade.

Um produto educacional que se proponha a problematizar o potencial político, pedagógico, ecológico e formativo dos usos das imagens, de audiovisuais e dos artefatos tecnoculturais nos cotidianos escolares, em prol de educações ambientais políticas que reconheçam e potencializem a participação da comunidade nas discussões das problemáticas locais.

Chegamos até aqui inspirados na pedagogia freiriana, em que os/as praticantes das atividades possam ser de fato *sujeitos de sua própria história* (FREIRE, 1996) e não objetos, participando ativamente do processo de construção de ações concretas e objetivas, mas também capazes de pensar outras relações subjetivas com as práticas do bairro, com o narrar, o morar e o pescar, atravessadas pelas relações afetivas com o território.

A trilha com QR CODE [2] , quando o momento de isolamento social terminar, com o retorno das aulas presenciais, pretendemos pôr em prática as oficinas com o usos de imagens narrativas, que provisoriamente estamos chamando de “Cartografias afetivas do território”, que também poderão ser executadas em parcerias com os coletivos da comu-

---

[2] Devido às adversidades da pandemia, essa atividade pedagógica entra como proposta a ser executada num momento futuro, pois não houve tempo hábil e condições de formar parcerias para sua execução, em função da pandemia.

nidade. A escolha de realizar as oficinas em parceria com os coletivos comunitários se dá por se tratar de locais propícios para práticas de educações ambientais menores, como as aqui defendidas.

Fluxos menores em educações que, segundo Silvio Gallo (2013, p. 7), buscam “encontrar variáveis de uma educação menor em outras formas de se pensar e se fazer a instituição escolar que traçaram linhas de fuga em relação a este modelo dominante”.

A ideia de fluxos para pensarmos em movimentos que podem ser seguidos, mas não para serem reproduzidos, como os modelos instituídos pelas educações maiores.

Pensamos nestas oficinas como ferramentas metodológicas, como espaços de “negociação de sentidos, com potencial de produção coletiva, interação dialógica”, como argumenta as pesquisadoras Mary Jane Spink, Vera Mincoff Menegon e Benedito Medrado (2014, p. 34), destacam ainda as oficinas como sendo:

[...] espaços com potencial crítico de negociação de sentidos, permitindo a visibilidade de argumentos, posições, mas também deslocamentos, construção e contraste de versões e, portanto, ocasiões privilegiadas para análise sobre a produção de jogos de verdade e processos de subjetivação (SPINK; MENEGON; MEDRADO, 2014, p. 32).

Inspiramo-nos também nos trabalhos, pesquisas e oficinas descritas a seguir, como nas de produção de vídeos, propostas por Eduardo de Oliveira Belleza, como possibilidades de “[...] inventar outras maneiras de grafar o espaço de moradia dos participantes” (BELLEZA, 2014, p. 118), destacando o autor que as geografias menores, mais que a reprodução do espaço, têm potencial para sua produção.

Ainda dentro da perspectiva de educação menor, os pesquisadores Andreia Teixeira Ramos e Soler Gonzalez abordam as geografias menores, ao destacarem a importância das oficinas de mapas e de cinema de animação, realizadas com “os sujeitos praticantes e habitantes dos manguezais” (GONZALEZ; RAMOS, 2015, p. 6), em “[...] ‘Narradores da maré’ em geografias menores com o potencial ambiental nos usos de imagens e cinema na pesquisa, no ensino de geografia e na formação de educadores/as”, eles apostam “nos movimentos possíveis entre os múltiplos saberes e fazeres” (GONZALEZ; RAMOS, 2015, p. 1).

Além das oficinas, destacamos os diálogos com as narrativas, conversas, exposições fotográficas, entre outras interações, sempre em “aproximações com a arte e o potencial ambiental na educação nos ‘usos’ (CERTEAU, 2008) das imagens e do cinema” (GONZALEZ; RAMOS, 2015, p. 2).

Em Cidade, lugar do possível: experimentações para um ver a mais, Larissa Corrêa Firmino (2014) nos convida através de uma oficina de fotografias, a pensar nas imagens e lugares já conhecidos, mas que acabamos por não os perceber; convida-nos à experimentação e

à observação, a pensar outros possíveis modos de perceber o lugar através do “[...] olhar que faz o corpo vibrar [...] produzindo subjetividades em imagens, grafias de um espaço singular” (FIRMINO, 2014, p. 3), o que ela chama de fotomapas.

A autora propôs com essa oficina de fotomapas que é possível ter outros olhares sobre o lugar, mesmo os lugares já conhecidos e vivenciados diariamente. “A oficina queria propor àquelas meninas um desvio do olhar através da fotografia para o questionamento das cartografias e dos mapas da cidade” (FIRMINO, 2014, p. 5), com a proposta de usar outros planos para a fotografia, desfocado, trêmulo, embaçado etc. A fim de que outros olhares e sentimentos pudessem surgir, capazes de suscitar outras problematizações sobre o lugar.

E são esses outros olhares que desejamos ver com um *olharpassarinho sobre a comunidade, os manguezais e suas ecologias*, e propor outras formas de ver o lugar, enxergando para além das necessidades e desafios, percebendo as relações subjetivas e vendo as potencialidades e possibilidades através da *experimentação do espaço já conhecido* (FIRMINO, 2014).

Ao passo que Luíza Nunes Silva Fonseca (2013), em *Estrangeiridades em terras conhecidas*, busca traçar conexões entre os deslocamentos, por meio da experimentação e dos sentimentos capazes de “expandir nosso olho, pensamentos e sentidos” (FONSECA, 2013, p. 26). Ela faz uma relação entre os deslocamentos e a observação de imagens, que são capazes de provocar “[...] algum estranhamento para nos retirar das obviedades cotidianas, nos fazendo experimentar a cidade muito mais que saber coisas a respeito dela. Assim como numa viagem a uma terra estrangeira” (FONSECA, 2013, p. 5).

*Imagensnarrativas* são potentes em nos deslocar de um espaçotempo para outro sem sairmos do lugar, fazendo-nos viajar em *terras conhecidas*, e assim compor linhas de fuga dos clichês e das metanarrativas historicamente construídas, permitindo outras formas de experimentar, ver e sentir o lugar, “[...] causar estranhamentos, provocações, extrair algum tipo de sensação sobre um lugar. Vivê-lo, observá-lo, experimentá-lo de uma outra forma, buscar detalhes, ocupar espaços de outros modos” (FONSECA, 2013, p. 10). Assim, a produção do vídeo foi entremeada pelas imagens, sons, narrativas e pelas práticas do bairro Flexal, atravessadas pelos enredamentos com a RDS dos Manguezais de Cariacica. Sobre o uso de smartphone em práticas educativas, Alexandre Gasparotti Nunes (2016, p. 897, grifo do autor) escreveu um artigo baseado em sua dissertação, em que destaca que:

A potência criativa de uma atividade depende do agenciamento de processos de singularização, isto é, da reapropriação pelos indivíduos dos elementos materiais e semióticos do processo de criação, subvertendo-os em formas de uso diferentes do comum.

Pensar nos usos dos *smartphones* e celulares nos processos pedagógicos e formativos na atualidade se fez necessário em nossa pesquisa, visto que na vida cotidiana esses artefatos são comumente utilizados pelos/as estudantes, professores e professoras, mes-

mo falando de famílias com menor poder aquisitivo, salvo a já conhecida exclusão digital ainda persistente, sobretudo nas comunidades periféricas. Inclui-se a esse contexto o fato de as escolas não contarem com câmeras fotográficas e nem laboratórios de informática em funcionamento, o que fez com que os smartphones nos cotidianos escolares se tornassem meios de captação de imagens, sons e vídeos, produção e edição dos materiais das aulas de campo e de práticas pedagógicas.

E assim propomos o uso não só do *smartphone*, mas também do drone (equipamento pessoal) e demais artefatos tecnoculturais, explorando outros possíveis usos, para além daqueles para os quais foram inicialmente criados; usos em práticas pedagógicas e de educação ambiental nos cotidianos escolares, numa dimensão coletiva, dialógica, criativa e política em relação às problemáticas ecológicas locais.

Nilda Alves (2014, p. 211), dialogando com Machado (2001, p. 32), destaca que a “linguagem das imagens é capaz de expressar realidades diferentes, historicamente abafadas” por visões hegemônicas, muitas vezes estigmatizadas, pejorativas e estereotipadas. Tais reflexões têm como inspiração a noção de usos, baseada em Michel de Certeau (2008), como algo para ser usado, assimilado e não apenas consumido, visualizado. Imagens que possibilitam criar *redes de conhecimento* (ALVES, 2015).

As práticas pedagógicas nas quais os/as participantes “vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p. 24), são momentos que possibilitam trocas de experiências e saberes, fazendo surgir condições mais profícuas de aprendizagens.

Como o campo problemático de qualquer pesquisa não é estático, seu constante movimento faz com que reorganizações no projeto de pesquisa inicial sejam necessários. E para agravar, estamos passando pela pandemia, provocada pelo vírus da COVID-19. Assim, trabalhando com a perspectiva da escola de *dentrofora* (ALVES, 2003) e considerando que os/as participantes dos coletivos comunitários estão inseridos nos cotidianos escolares, segundo os quais o professor Silvio Gallo (2013) diz serem o “devir minoritário da autonomia: o cotidiano escolar é espaço de construção de autonomia de professores[as] e estudantes” (GALLO, 2013, p. 11), e a busca pela autonomia está intimamente ligada às educações ambientais políticas a serem problematizadas nas *imagensnarrativas* desta pesquisa e do documentário.



## CAPTAÇÃO DE MATERIAIS E BASTIDORES

A partir dos movimentos propostos por Alves (2001), em especial o de narrar a vida e literaturizar a ciência, temos buscado realizar pesquisas produzindo narrativas-imagens (ou imagens-narrativas), as quais têm se mostrado extremamente interessantes como possibilidades menos estruturada e formal de problematização dos cotidianos escolares e, por efeito, como alternativa mais potente para o entendimento dos processos de invenção/resistência que são vividos na complexidade das redes tecidas pelos praticantes dos cotidianos escolares (ALVES; FERRAÇO, 2015, p. 312).

Com a produção deste audiovisual, objetivamos apresentar por meio de narrativas, subsidiadas por imagens, sons e vídeos (inclusive captadas com o drone), as belezas, possibilidades e potencialidades ecológicas da região de Flexal, Cariacica/ES, bem como as relações subjetivas da comunidade com os manguezais da RDS dos Manguezais de Cariacica.

Os/as membros/as da comunidade são protagonistas desta história que busca entre outras coisas criar desnarrativas para combater os preconceitos e clichês historicamente construídos sobre a comunidade. A pesquisa desejou possibilitar outras formas de pensar as relações ecologistas do lugar pela ótica de suas próprias imagens-narrativas, conforme destacam Alves e Ferraço (2015), como forma de “invenção/resistência”.

As entrevistas conversadas e narrativas presentes no vídeo são fruto de nossas andanças pela comunidade e das parcerias formadas com o intuito de pensar o território de Cariacica, mais especificamente da comunidade de Flexal e suas inter-relações com os manguezais. Os diálogos, encontros e conversas abordaram as problemáticas levantadas nas aulas de campo e demais práticas pedagógicas realizadas com a comunidade.

O vídeo documentário Olharpassarinho sobre a comunidade, os manguezais e suas ecologias, mais que apresentar a comunidade de Flexal, seu processo de ocupação, lutas e (re)existências, busca retratar as Unidades de Conservação de Cariacica, com ênfase nos Manguezais e nas relações ecologistas do passado, do presente e daquelas que esperamos para o futuro. Mais que cumprir com o pré-requisito do programa de mestrado profissional, buscamos elaborar um produto educacional a partir da vida cotidiana da comunidade, produzido com materiais vivenciados na práxis cotidiana local, em seus contextos escolares, narrando os processos da pesquisa, processos que habitam o pesquisador e os/as demais sujeitos/as da pesquisa, seus movimentos e fluxos, capazes de fazer proliferar outras ecologias, outras formas de ocupar e intervir no território, desinvisibilizando as práticas do bairro, como o pescar e o morar, e os/as sujeitos/as ecologistas e anônimos/as desta pesquisa, mas que fazem toda diferença nas comunidades.

Este Produto Educacional se equipara aos objetivos da linha de pesquisa Práticas Educa-

tivas, Diversidade e Inclusão, na qual a presente pesquisa se encontra vinculada, pois propomos com ele problematizar práticas educativas vivenciadas no cotidiano da comunidade e das escolas na região, levando-se em consideração a diversidade de interesses que se apresentam, incluindo a comunidade nos diálogos amorosos, numa perspectiva freiriana, na busca por alternativas pedagógicas, estéticas, ecológicas e, sobretudo, políticas, com ênfase nas potencialidade da comunidade.

Para a produção e edição do vídeo, firmamos uma parceria com o Instituto Aprender Cultura, Flex Filmes Brasil e Act. Group, representados pelo Miquéias. Começamos por separar e organizar em pastas temáticas os materiais que já tínhamos produzido nas escolas em 2019, imagens, vídeos e narrativas das aulas de campo, das atividades pedagógicas realizadas, do manguezal e da comunidade em geral.

O Instituto Aprender Cultura (IAC) é um coletivo comunitário, nascido aqui em Flexal; hoje um instituto com CNPJ regularizado e parcerias consolidadas, que, com o passar do tempo, sentiu a necessidade de montar uma produtora e editora de audiovisuais, como explica o Miquéias Gonçalves Silva, diretor fundador. Segundo ele, a Flex Filmes Brasil é parte do IAC:

[...] nasceu da necessidade do instituto de fazer fotos e vídeos dos eventos, das atividades do instituto e tal, ela nasceu por causa desse déficit que a gente tinha, entendeu, então a Flex Filmes é um projeto de acesso à linguagem audiovisual e tem como base que artista e pessoas que não têm tantas condições financeiras consigam produzir e acessar esses produtos audiovisuais. (Miquéias Gonçalves Silva).

Com o crescimento e reconhecimento dos trabalhos feitos pela Flex Filmes, empresas começaram a procurá-la para prestar serviços, foi quando surgiu a ideia de criar a Act. Group para atender a essa demanda e gerar renda para os/as envolvidos/as, já que a Flex Filmes trabalha mais com uma visão de desenvolvimento de talentos das comunidades e divulgação de seus trabalhos, com valores abaixo da tabela.

A Act. Group é uma *startup* em desenvolvimento, criada a partir de parceiros do IAC, mas que tem caráter comercial e geração de renda, objetivando atender a empresas e ao mercado como um todo e não somente artistas de comunidade, que estão começando seus trabalhos, como a Flex Filmes. Formado a partir de uma rede colaborativa, uma rede de profissionais da cultura, trabalha em colaboração para atender a diversas demandas. Ainda de acordo com o Miquéias:

A Act. Group também é mais abrangente, pelo fato de ser um grupo, ela engloba quatro empresas: tem o estúdio de produção musical, tem a Flex Filme Brasil, tem o Sete Zero Quatro e tem o Mucaf, além de outros parceiros que estão chegando aos poucos. (Miquéias Gonçalves Silva).

Firmada a parceria com o Act. Group e Flex Filme Brasil para consultoria na construção dos roteiros e edição do vídeo, respectivamente, e com os materiais e o projeto de qualificação em mãos, reunimo-nos para apresentar o projeto e começar os trabalhos para produção do audiovisual, e, logo na primeira reunião, nossas ideias se convergiram,

mas após acertados alguns detalhes, iniciamos o processo de execução.

Começamos por definir o estilo do audiovisual, e para isso agendamos um encontro para assistirmos juntos alguns documentários e trechos de filmes, que possivelmente nos inspirariam na escolha do estilo que seria impresso na produção do curta-metragem. Iniciamos assistindo como referência *Guerras do Brasil.com* e *Sankofa: a África que te habita*, entre outros títulos. E assim começamos a rascunhar as ideias centrais que subsidiariam a elaboração dos roteiros de captação e de produção e da escaleta, como pode ser observado na Figura 3, a seguir.

Com isso, iniciamos o processo de adaptações no produto educacional, que se consolidou com as leituras e pontuações realizadas pela banca de qualificação, pelos diálogos com o orientador e pelas conversas ventiladas nas andanças pela comunidade e por meio dos entrelaçamentos dos objetivos da pesquisa e da produção do audiovisual.

E assim, houve a definição dos materiais que seriam usados e aqueles que ainda iríamos produzir, a definição dos roteiros de captação e edição, o uso dos materiais que já haviam sido confeccionados com os/as estudantes, para montagem de uma escaleta [3], que daria sustentação na elaboração dos roteiros.

Assim, com os cruzamentos dos dados levantados e estruturação da escaleta, e a partir das problematizações levantadas nas atividades pedagógicas, elaboramos os roteiros das entrevistas conversadas que ainda seriam gravadas e criamos a linha do tempo do audiovisual, cada sentimento e emoção que queríamos que transparecessem no audiovisual.

Com o aprofundamento nos debates levantados pelos/as estudantes e pela comunidade, sempre tratando os temas numa perspectiva dialógica, pedagógica e formativa e sob as concepções menores das ecologias, buscando traçar linhas de fuga, por entre as narrativas oficiais e institucionalizadas, pudemos valorizar o senso de pertencimento ao abordarmos as ecologias do território, a partir de outros agenciamentos possíveis. Com os usos de imagens narrativas, desejamos retratar as práticas do narrar, o morar e o pescar nesta região, e as relações ecologistas da comunidade com os manguezais.

Com a estrutura básica para montar o roteiro (escaleta) concluída, partimos para o roteiro de captação, que é a ferramenta de orientação para que soubéssemos o que ainda precisava ser captado em termos de imagens e mesmo de narrativas, que já tínhamos por escrito, mas agora, para produção do audiovisual, precisavam estar grava-

---

[3] A escaleta é uma forma de estruturar as ideias e os enredos que serão trabalhados no vídeo, é um instrumento que auxilia na visualização do roteiro, antes que esse esteja totalmente estruturado, fizemos primeiramente no papel uma linha do tempo e depois criamos uma planilha com as informações principais das cenas: descrição, narrativas contempladas e trilhas sonoras desejadas para cada momento, sentimentos e emoções que queríamos passar.



das. Assim, esquematizamos também alguns takes, pequenas tomadas de imagens, que precisavam ser capturadas para complementar os materiais já selecionados, e gravações das entrevistas conversadas com base em um roteiro, para ganharmos tempo de gravação.

E, por fim, foi elaborado o roteiro de edição para que, na hora de editar a grande quantidade de materiais produzidos, pudéssemos nos ater ao máximo ao inicialmente proposto e de acordo com os anseios dos/as sujeitos/as da pesquisa. O roteiro de edição se diferencia do roteiro de captação, por ser basicamente o produto, que poderá ser acessado por meio do link do canal criado para socializar a presente pesquisa. O audiovisual também será incorporado aos canais de divulgação das atividades do grupo de pesquisa, ao qual estamos vinculados e com o qual dialogamos periodicamente, na tessitura da pesquisa. Assim, poderá ser acessado pelo canal do Youtube ou ainda no blog Narradores da Maré. Será divulgado também nas redes sociais do autor, sobretudo no Instagram @olharpassarinho, criado para esse fim. Divulgaremos e disponibilizaremos também para as redes de ensino estadual e municipal de Cariacica, das quais fazemos parte, assim como a quem mais se interessar.

As cenas foram estruturadas em blocos, com entrevistas, narrativas, ilustrações com vídeos, sons e imagens da comunidade e dos manguezais, com a proposta de ser um material educativo de apresentação de potencialidades da comunidade, cuidando para não ser um material descritivo, tampouco um manual a ser seguido, mas sim com questões problematizadoras que nos ajudem a pensar as relações ecologistas em educação e com os usos de imagens narrativas nos cotidianos escolares e em contextos formativos.

As andanças pela comunidade e as conversas com pescadores/as, catadores/as de caranguejo, catadores/as de materiais recicláveis e moradores/as em geral, sobretudo, os/as mais antigos/as formaram as redes dialógicas e de conhecimentos sobre a formação da comunidade e a ocupação do território, criando momentos importantes de produção de imagens narrativas, permitindo que os diferentes sujeitos/as da pesquisa imprimissem seus olhares, sentimentos e relações de (des)territorialidade e (re)afirmação do pertencimento ao território.

Temos um drone que foi usado nessas atividades, mas a ideia é que em um futuro breve possamos realizar a oficina de produção de drones artesanais (planejamento inicial), com pipas e câmeras fotográficas, ou mesmo com um smartphone acoplado às pipas, ampliando assim a autonomia dos/as estudantes, além de estimular a criatividade e o lúdico.

Para confecção desses drones, estamos nos inspirando no Mapa falado, um projeto realizado em comunidades do Rio de Janeiro, que fabricaram seus próprios drones artesanais (com pipa, garrafas pet e uma câmera acoplada) [4] para fotografar e montar ortomosaicos da comunidade. Além desse projeto, existem vários outros tutoriais na inter-

net ensinando a fazer drones com pipas.

Com o produto educacional, desejamos contribuir com práticas pedagógicas e de formação em educação ambiental com o uso do audiovisual: *Olharpassarinho sobre a comunidade, os manguezais e suas ecologias*. Há também a proposta de realizarmos uma prática pedagógica com a elaboração de roteiros de aulas de campo que costumamos realizar nos manguezais da RDS, com percursos e trilhas, placas educativas com QR Code que remeteriam a informações, imagens, sons e vídeos curtos, abordando aspectos dos manguezais, incluindo narrativas e fotografias aéreas produzidas com os/as sujeitos/as da pesquisa, retratando as memórias, os conflitos, o morar e o pescar, bem como as potencialidades históricas, geográficas, ecológicas e culturais locais.

Tanto no audiovisual aqui apresentado como na proposta de roteiros de aulas de campo, a ideia é pensar outros usos para os artefatos tecnoculturais, como o *smartphone* e drone, que são usados com determinados propósitos, mas que podem, por meio do potencial criativo, abrir uma infinidade de possibilidades, como as já mencionadas e outras tantas que irão aparecer na interação dos/as sujeitos/as da pesquisa com o campo problemático, e como novas pesquisas que surgiram.

Momentos em que através dos diálogos amorosos (FREIRE, 1996) contribuem para enriquecer o debate político sobre as questões levantadas, estimulando a criatividade, a dialogicidade e potencializando a autonomia dos/as participantes.

A seguir estão representados alguns/as dos/as protagonistas da produção do audiovisual, bem como algumas imagens de bastidores. Conversamos com pescadores/as, catadores/as de materiais recicláveis, professores/as que moram e atuam na comunidade, moradores/as antigos/as e fundadores/as da comunidade e membros/as e participantes de coletivos e organizações do terceiro setor atuantes na comunidade.

Nosso desejo é que tenhamos contribuído para que o leitor e a leitora entendam minimamente como se deu a produção do curta-metragem *Olharpassarinho sobre a comunidade, os manguezais e suas ecologias*; e, ao assistir, cada espectador e espectadora possam refletir sobre os potenciais que existem em cada comunidade, refletir a qualidade e intensidade das relações ecologistas que estamos mantendo com os demais seres vivos (humanos e não humanos), quais as relações sociais e as subjetividades que estamos politicamente escolhendo manter com a sociedade. E, como destaca Ailton Krenak, o que estamos fazendo para “adiar o fim do mundo”?

---

[4] Projeto indicado pela professora Dr. Angélica Nogueira de Souza Tedesco e que estava disponível em um canal do Youtube do projeto, contudo no momento não o encontramos para disponibilizar o link.

## FICHA TÉCNICA

Título: Olharpassarinho sobre a comunidade, os manguezais e suas ecologias

Duração: 22 minutos e 36 segundos

Idealização: Fledson Silva Faria

Orientação: Soler Gonzalez

Direção: Fledson Silva Faria e MiQ Gonçalves

Roteiro: Fledson Silva Faria e MiQ Gonçalves

Captação/Montagem/Edição/Finalização: Flex Filmes Brasil

Consultoria: Act. Group

Imagens extras: Fledson Silva Faria, Pedro Henrique Tavares e Hattore

Imagens Aéreas (Drone): Fledson Silva Faria

Narração: Anabelle de Melo Rezende

Trilhas sonoras:

Danubio Rodriguez - Save the planet

Negras Guerreiras - Prod. Mfive Rocha

Impertinence - Joel Cummins

Smokey Eye - Cheel

Revenge Body Beat - Nana KwabenaV

## ENTREVISTA CONVERSADAS COM MORADORES/AS DA COMUNIDADE

Ailton Pereira dos Santos - Assistente Social e liderança comunitária

Alexandre Rosa de Jesus - Pescador

Anabelle de Melo Rezende - Estudante e participante do IAC

Andrea Ribeiro dos Santos - Diretora da JOCUM Vitória, missionária e socióloga

Angelo Eupídio de Brito - Professor

Sr. Bernardo Sperandio Cott - Morador, um dos fundadores da comunidade

Edmilson Gomes Monteiro (Eide) - Pescador e comerciante

Fledson Silva Faria - Professor

Josimar Nunes Pereira de Freitas - Professor

Judismar Morais Mariano (Mazinho sacola) - Idealizador, Coordenador e Professor escolinha de futebol do Projap'es

Julia Bispo Moreira - Estudante e participante do IAC

Dona Maria da Penha de Oliveira - Catadora de materiais recicláveis

Miquéias Gonçalves Silva (MiQ.) - Diretor fundador do Instituto Aprender Cultura (IAC)

Pedro Henrique Tavares - Estudante e participante do IAC

Vangelis Reinke Pereira - Remador profissional

## **PARTICIPAÇÃO ESPECIAL**

Soler Gonzalez - Professor do Centro de Educação da UFES

Alunos/as da EMEF Manoel Paschoal de Oliveira

Alunos/as da Eletiva SOS Manguezais (CEEFTI Presidente Castelo Branco)

## **AGRADECIMENTOS**

EMEF Manoel Paschoal de Oliveira

EMEF Martim Lutero

Instituto Aprender Cultura (IAC)

JOCUM Vitória

Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU)

Programa Pró-Docência/SEDU

Secretaria Municipal de Educação de Cariacica (SEME)

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Centro de Educação (CE)

Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE)

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

Ao Grupo de Pesquisa do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão Narradores da Maré: Geografias dos Manguezais da Baía de Vitória e Formação de Professores/as.

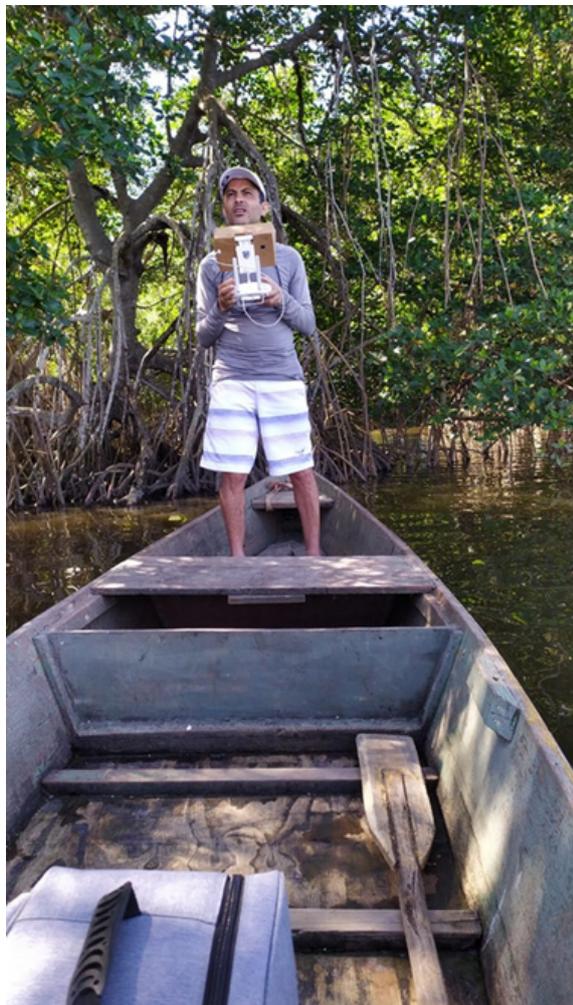
A todos e todas que direta ou indiretamente contribuíram com a realização da pesquisa e com a produção do audiovisual.

Nosso muito obrigado!

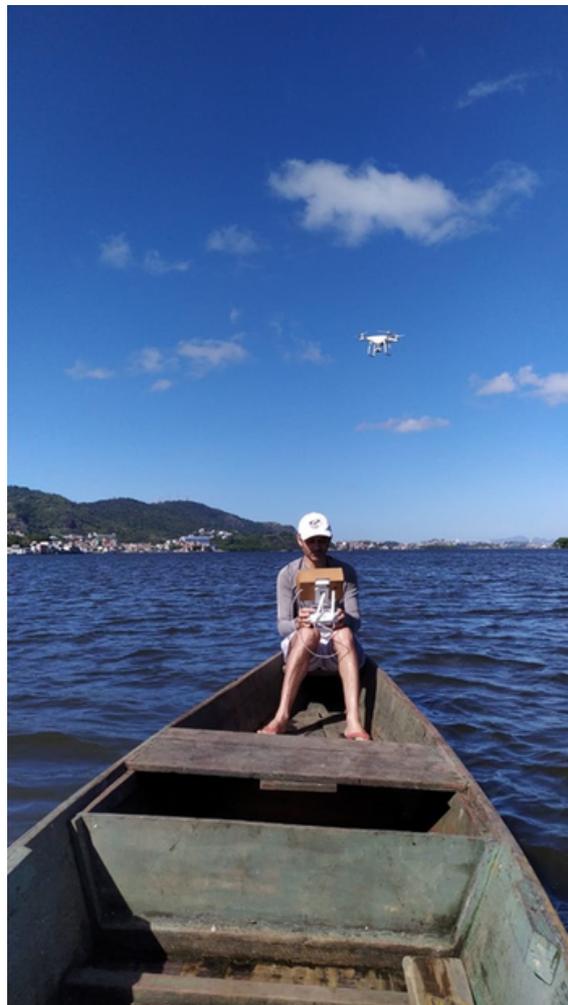


## IMAGENS DE BASTIDORES DA PRODUÇÃO DO AUDIOVISUAL

**Figura 4** - Captação de imagens/vídeos na RDS dos Manguezais de Cariacica em Nova Canaã



**Figura 5** - Captação de imagens/vídeos na RDS dos Manguezais de Cariacica na baía de Vitória



**Figura 6** - Gravação de entrevista conversado com o pescador Edmilson Gomes Monteiro



**Figura 7** - Gravação audiovisual: Dona Maria da Penha de Oliveira, Catadora de materiais recicláveis



**Figura 8** - Gravação audiovisual: Miquéias Gonçalves (MiQ.), Fundador do Instituto Aprender Cultura (IAC)



**Figura 9** - Gravação audiovisual: Vangelis Reinke Pereira, Remador profissional



**Figura 10** - Gravação audiovisual: Josimar Nunes Pereira de Freitas, Professor de Geografia



**Figura 11** - Gravação audiovisual: Ailton Pereira dos Santos, Assistente Social e liderança comunitária



**Figura 12** - Gravação audiovisual: Sr. Bernardo Sperandio Cott, Morador antigo da comunidade



**Figura 13-** Gravação audiovisual: Jonas Santos Ramiro, aluno da oficina de audiovisual



**Figura 14-** Bastidores da gravação do audiovisual: Professor Angelo Eupídio de Brito





## CONSIDERAÇÕES...

Neste ano em que comemoramos o centenário do nascimento do patrono da educação brasileira, o eterno Paulo Freire, fechamos provisoriamente esta etapa da pesquisa com a certeza de que sabemos “que as coisas até podem piorar, mas sei [sabemos] também que é possível intervir para melhorá-las” (FREIRE, 1996, p. 52), frase reforçada pelas belas e ricas reflexões aqui tecidas pelos/as sujeitos da pesquisa e também de sua própria história, que foram os/as pescadores/as, marisqueiros/as, catadores/as de materiais recicláveis e demais membros/as da comunidade.

Sabemos dos problemas e dificuldades, mas, acima de tudo, sabemos do potencial ético, estético, inventivo, criativo, pedagógico e principalmente político da intervenção cidadã nas problemáticas locais, regionais e planetárias, ligadas às relações ecologistas em suas múltiplas dimensões: meio ambiente, relações sociais e subjetividades humanas. Com isso, esperamos ter contribuído para abrir diálogos e reflexões sobre a temática ambiental.

Continuemos esperançando e vendo o mundo com olharpassarinho. Gratidão!



## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. **Sobre o movimento das pesquisas nos, dos, com os cotidianos. Teias.** Rio de Janeiro, ano 4, n. 7-8, jan./dez. 2003.
- \_\_\_\_\_. **Praticantepensante de cotidianos.** Organização e introdução Alexandre Garcia e Inês Barbosa de Oliveira; Textos selecionados de Nilda Alves - 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas:** memórias de processos didáticos e curriculares. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2019. v. 1. 300p .
- ALVES, Nilda.; FERRAÇO, Carlos Eduardo. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagensnarrativas na invenção dos currículos e da formação. **Espaço do Currículo**, v.8, n.3, p. 306-316, set/dez 2015.
- CERTEAU, Michel de. A. **Invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FARIA, Fledson Silva; GONZALEZ, Soler. Educação ambiental com os usos de drones e artefatos tecnoculturais nos manguezais e cotidianos escolares. In: 14ª REUNIÃO DA ANPED SUDESTE, 2020, [s. l.]. **Anais [...].** [S.l.], 2020. Disponível em [http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/23/7293-TEXTO\\_PROPOSTA\\_COMPLETO.pdf](http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/23/7293-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf). Acesso em: 20 jan. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessário à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FIRMINO, Larissa Corrêa. **Cidade, lugar do possível:** experimentações para um ver a mais. Revista Textura, Canoas, n. 30, p. 72-84, jan./abr. 2014.
- FONSECA, Luíza Nunes Silva. **Estrangeiridades em terras conhecidas.** Revista Linha Mestra, Campinas, n. 23, p.25-31, ago./dez.2013.
- GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor: variáveis e variações. In: 36ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED - 29 set. a 02 out.2013, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Disponível em: [http://36reuniao.anped.org.br/pdfs\\_trabalhos\\_encomendados/gt13\\_trabencomendado\\_silviogallo.pdf](http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/gt13_trabencomendado_silviogallo.pdf). Acesso em 12 ago. 2019.
- GASPAROTTI, Alexandre Nunes. Usos de smartphones na prática educativa: experiências e processos criativos. **Revista Educ. Tem. Dig.**, Campinas, v.18, n. 04, p. 809 - 902. Out/dez. 2016.
- GONZALEZ, Soler. **Educação ambiental autopoietica com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas.** 2013. 159f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.
- GONZALEZ, Soler; RAMOS, Andrea Teixeira. "Narradores da maré" em geografias menores com o potencial ambiental nos usos de imagens e cinema na pesquisa, no ensino de geografias e na formação de educadores/as. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL "A EDUCAÇÃO PELAS IMAGENS E SUAS GEOGRAFIAS". 02 a 05 dez. 2015, Uberlândia. **Anais eletrônico...** Disponível em: <https://www.geoimagens.net/>



## REFERÊNCIAS

anais-do-iv-coloquio>. Acesso em 18 nov. 2019.

- REIGOTA, Marcos. **Os ecologistas**. São Paulo: Edunisc, 1999.
- SOARES, Conceição; SANTOS, Edméa. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. In: ALVES, Nilda; LIBÂNEO, José Carlos. **Temas de Pedagogia**: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Editora Cortez, 2012. p. 308-330.
- SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff; MEDRADO, Benedito. Oficinas como estratégias de pesquisa: Articulações teóricas-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 32-43, abr. 2014.